

II° CURSO INTENSIVO PARA TÉCNICOS AGRÍCOLAS

PROCESSOS DE MULTIPLICAÇÃO VEGETATIVA DA SERINGUEIRA



Elaborada por:

Engº Agrº Heraclito E. O. da Conceição

Pesquisador do CNPSeringueira - EMBRAPA

Mauá (AM), 1978

A enxertia da seringueira de um modo geral, consiste na substituição da parte aérea de uma árvore pela de outro indivíduo que apresente características mais favoráveis que a parte aérea da planta original. A parte aérea substituído, da qual faz parte o tronco explorado, provém de um "clone selecionado", apresentando características de alta produção e outros caracteres vegetativos e fisiológicos favoráveis à exploração.

Através da técnica de enxertia, obtém-se seringais que apresentam menor período de imaturidade da planta, uniformidade no desenvolvimento e na produção diferindo portanto dos seringais nativos onde 75% da produção são oriundos apenas de 25% das plantas.

Processos de multiplicação ...
1978 FL-FOL1598



CPAA-11125-1

1. Enxertia convencional

O tipo convencional de enxertia na seringueira é o da técnica de inclusão de gema dorniente, feita em "seedlings" porta-enxertos de 1 ano de idade. Esta técnica, executada por pessoal habilitado, atinge taxas de pegamento superiores a 80%. A enxertia pelo método "Forkert" pode ser feita no viveiro ou em local definitivo. Na Amazônia dá-se preferência pela realização em viveiros, por ser o sistema mais econômico nas condições locais e levando-se em conta o importante fato de que a população necessária para implantar 1 ha de plantação (local definitivo) é contido em 0.02 ha de viveiro.

O sistema de enxertia pelo método Forkert é feito realizando-se uma incisão em U invertido com a inclusão do escudo portador de gema, feito de cima para baixo.

A enxertia convencional é executada quando o porta-enxerto atinge um diâmetro acima de 2 cm a 5 cm do solo, dimensão que o cavalo alcança aos 10 a 12 meses de enviveiramento.

1.1. Preparação do porta-enxerto

Para possibilitar o destaque da lingueta da casca afim de inserir a gema em dormência, o enxertador procede duas incisões paralelas de 5 a 6 cm e distante uma da outra 2 a 3 cm, dependendo da grossura do porta-enxerto. As extremidades superiores dessas são lidadas por uma terceira, dando ao corte uma conformação de U invertido.

1.2. Retirada da gema

O enxertador com auxílio de um canivete, destaca na haste porta-gemas, um fragmento de casca e lenho, portanto uma gema em dormência. Em seguida apara os rebordos do "escudo" e retira a porção do lenho da face interna do mesmo escudo, expondo, assim, a região cambial. As dimensões do escudo devem ser um pouco inferiores à janela da casca recortada sobre o porta-enxerto.

1.3. Aplicação do escudo

O enxertador destaca a lingueta da casca e insere o escudo de cima para baixo, tendo o cuidado de não tocar em nenhuma das faces cambiais. Muito cuidado para não introduzir o escudo invertido (gema de cabeça para baixo). O enxertador em seguida procede a ligadura do enxerto o que é feito com auxílio de um pedaço de fita plástica, descrevendo uma dezena de espirais, de baixo para cima.

A enxertia pode ser praticada em todo o correr do ano. É necessário que o porta-enxerto esteja em bom estado de vegetação para melhor soldagem de casca. Normalmente isto ocorre na Região Amazônica a partir do início do período chuvoso. No período mais seco pode-se conseguir a soldagem de casca, promovendo-se irrigação abundante dos porta-enxertos durante 15 a 20 dias antes da enxertia.

1.4. Verificação do enxerto

Três semanas após a enxertia remove-se a ligadura e cortando a lingueta da casca, examina-se o enxerto para verificar o pegamento.

Em caso de sucesso, deixa-se o enxerto assim aborto para um período de aclimação (1 semana), executando-se em seguida a sorração (decapitação) do porta enxerto. Caso não haja pegamento deve ser feita uma nova enxertia na face oposta do porta-enxerto.

Se a enxertia for realizada no local definitivo ela deverá ser orientada no sentido sudoeste para evitar necroses e proteger da exposição intensa do sol.

Sómente após a decapagem do porta-enxerto é que ^{A GEMA} começa a entumecer, ocasião propícia para transplantar o toco enxertado. Isto ocorre normalmente uma semana após a decapagem do cavalo.

2. Enxertia herbacea

Também chamada enxertia verde (^bGroenduding) é uma técnica recente e foi idealizada por H. R. Huroy^v em Borneu. Consiste em proceder a enxertia em porta-enxertos de pouco mais de 4 meses de idade, apresentando um diâmetro pouco maior que 1 cm.

A enxertia verde difere do método Farkas por empregar gema de rebentos de 6 a 8 semanas de idade, em vez das tiradas de hastes lenhosas produzidas em jardim clonal.

Outra importante diferença é que, na enxertia verde, o enxerto é aplicado sobre um painel exposto do câmbio, cobrindo-se o escudo portador da gema com uma tira de fita plástica transparente.

2.1. Preparação do porta enxerto

A incisão do porta-enxerto é feita de modo semelhante à da enxertia convencional, com apenas uma modificação que o corte tem a conformação de U normal.

2, 2. Retirada da gema

A gema utilizada na enxertia verde, também é retirada da haste porta-gemas (material de jardim clonal), sendo que o enxertador seleciona as plantas a serem utilizadas e faz a decapitação 6 a 8 semanas antes da época de enxertia. As melhores gemas são obtidas quando se faz a decapitação da haste a 1 m de altura da soldadura do enxerto.

2.3. Rendimento de gemas e da operação enxertia

Uma haste porta-gemas produz em média 8 rebentos, sendo que cada rebento consegue-se obter 4 enxertos. Na enxertia verde com facilidade consegue-se taxa de prendimento de 90%.

A superfície verde, tenra, do escudo portador da gema continua clorofilando sob a fita transparente, o que se assegura melhor prendimento e mais rápida formação do calo. A grande vantagem apontada para esta técnica de enxertia é a possibilidade de diminuição do período de imaturidade da seringueira.

2.4. Aplicação do escudo

O enxertador destaca a lingueta da casca e insere o escudo de baixo para cima, quebra uma grande parte da lingueta da casca de modo que fique com a janela aberta. O enxertador enseguida procede o ligamento do enxerto, o que é feito utilizando um pedaço de fita plástica transparente, descrevendo uma dezena de espirais de cima para baixo.

2.5. Verificação do enxerto

Com 15 dias após a enxertia remove-se a ligadura do enxerto e examina-se o enxerto para verificar o pegamento. Em caso de sucesso, deixa-se o enxerto assim aberto para um período de aclimação (1 semana), executando-se em seguida a decapitação.

3. Enxertia de copa

A enxertia de copa é velha prática entre os fruticultores e, no caso da seringueira, envolve uma dupla enxertia no intuito de formar o que se chama de composta. Este tipo de planta é constituído pelo sistema radicular de um "seedlings" porta-enxerto, no qual é enxertado, próximo ao chão (5 cm do solo) um clone bom produtor de látex, que fornecerá o painel de corte. A copa do clone painel, posteriormente será substituída por outra de um clone resistente às enfermidades.

Técnica de enxertia de copa foi originalmente sugeridos por Cramer como maneira de controlar o oidium, em Java. No Hemisfério Ocidental a dupla enxertia foi tentada pela primeira vez por J. R. Weir, em Fordlândia como prática para controlar o Microcycelo ulei P. Henn, que dizia que aque

las plantações.

A dupla enxertia naquela época, foi técnica largamente empregada, tendo sido inclusive a salvação de Belterra, prevaleceu até que fossem criadas novas cultivares resistentes e produtivas que revalorizavam em produção com as das antigas coleções orientais. A prática da dupla enxertia foi também relegada a plano secundário em virtude de ser difícil e demorada a consolidação de uma quadra de plantio, pois sendo o clone suscetível às enfermidades, está sujeita a continuado desfolhamento, o que impede a execução de enxertia de

O advento da enxertia herbácea, somado ao surgimento de clones orientais com impressionante capacidade produtora, reabriram a palpitante questão de enxertia de copa.

Foi procedido no antigo IPEAN, hoje CPATU-EMBRAPA, uma adaptação de copa, superior a 90%, com uma adaptação dos Técnica de Hurov e conseguiu-se taxa de prendimento, em enxertia de copa, superior a 90%, com uma facilidade extraordinária de execução.

No entanto, esta enxertia envolve a necessidade de meticolosos estudos sobre a compatibilidade copa-painel, merecendo pesquisas mais detalhadas que possibilitem a elucidação do problema.

